



ESPAÇOS, TEMPOS E RITMOS: CRÔNICAS DE VIDAS POSSÍVEIS NO POVOADO DE CHAPADA (MG)

Space, time and rhythms: (MG) possible lives chronicles in the Chapada's town

Espacios, tiempos y ritmos: crónicas de vidas posibles en el pueblo de Chapada (MG)

Leonardo Luiz Silveira da Silva¹
Bruno de Araújo Rangel²

RESUMO

O processo de globalização que se intensificou a partir dos anos 1990 vem ditando as transformações no espaço geográfico: vivido e percebido. Ao visitarmos o pequeno povoado de Chapada, no município de Ouro Preto, contrastamos as visões hegemônicas de David Harvey e Marshall McLuhan, que apontam a compressão do tempo espaço e a formação de uma aldeia global como marcas inequívocas da globalização. Neste particular, utilizamos a fenomenologia e a história oral como forma de endossar a crítica de Milton Santos aos mitos da globalização e apontar outros *modus vivendi* possíveis, descrevendo identidades que reúnem fragmentos temporalmente distintos.

Palavras-chave: Globalização, fenomenologia, História Oral, Identidades, Espaço, Tempo.

ABSTRACT

The globalization process which intensified from the 1990s has been dictating the changes in geographic space: lived and perceived. A visit to the small town of Chapada, in the Ouro Preto district, we contrast the hegemonic visions of David Harvey and Marshall McLuhan, pointing to compression of time space and the formation of a global village as unequivocal marks of globalization. In this particular, we use the phenomenology and oral history as a way to endorse the criticism of Milton Santos to the myths of globalization and point to other possible *modus vivendi*, describing identities that together temporally distinct fragments.

Key Words: Globalization, phenomenology, Oral History, Identities, Space, Time.

RESUMEN

El proceso de globalización que se intensificó a partir de los años 1990 viene dictando las transformaciones en el espacio geográfico: vivido y percibido. Al visitarnos el pequeño pueblo de Chapada, en el municipio de Ouro Preto, conferimos las visiones hegemónicas de David Harvey y Marshall McLuhan, que apuntan a la compresión del tiempo espacio y la formación de una aldea global como marcas inequívocas de la globalización. En este específico, utilizamos la fenomenología y la historia oral como forma de respaldar la crítica de Milton Santos a los mitos de la globalización y apuntar otros *modus vivendi* posibles, describiendo identidades que reúnen fragmentos temporalmente distintos.

Palabras clave: Globalización, fenomenología, Historia Oral, Identidades, Espaço, Tempo.

¹ Professor de Geografia efetivo do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG – Campus Salinas. Rua Rio Pardo, 140, apto 102, Centro, Salinas, Minas Gerais. Doutor em Geografia. Email: leoluizbh@hotmail.com

² Professor de História do Colégio Santo Antônio, Belo Horizonte. Rua Thalassa, S/N, Vale do Sol, Nova Lima, CEP 30455250. Especialista em História da Arte. Email: brunoaraujorangel@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende contrapor ideias ligadas ao processo de globalização contemporâneo ao *modus vivendi* de um vilarejo mineiro conhecido como Chapada, pertencente ao município de Ouro Preto, Minas Gerais. Para tanto, iniciaremos após esta introdução uma exposição teórica sobre a globalização de modo a apresentar os conceitos que serão analisados em nossa investigação científica. O artigo aborda duas frentes do processo de globalização: as mudanças e permanências espaciais e identitárias. Com o objetivo de assimilar, compreender, aplicar e questionar as incoerências do processo de globalização, realizamos um trabalho de pesquisa em um pacato povoado de Ouro Preto chamado Chapada. Nesse povoado, foi estabelecido contato com um modo de vida peculiar e pudemos refletir sobre a validade dos pressupostos teóricos de Milton Santos quanto às promessas não realizadas da globalização (tratadas mais adiante). Seriam tais questionamentos de Milton Santos válidos? Ou a generalização de David Harvey, ao propor a compressão tempo-espço, pode ser entendida como uma correta leitura da realidade? O ambiente encontrado em Chapada foi inspirador para avaliar tais questões. Ao lado dessa perspectiva, nosso trabalho buscou enfatizar a história social, que considera a relevância da transmissão dos saberes, mas também os usos do esquecimento coletivo como forma de construção da identidade.

Não existem documentos escritos oficiais sobre a história de Chapada. Afinal, não existem na pequena vila arquivos públicos, estelas ou quaisquer outros monumentos que visem contar a história do povoado. Recorremos à tradição oral para acessarmos como a memória social foi construída e ordenada pelos habitantes do povoado. Não pretendemos suscitar relatos densos e, por vezes enfadonhos, em nosso trabalho. Mas pretendemos constatar quais foram os esquemas que foram construídos, ordenados e como eles podem ser maleáveis como respostas às novas realidades. Para tanto, recorremos à tradição oral como forma de dar especial atenção aos moradores do povoado. Nosso trabalho se refere a uma história do cotidiano da vida privada, que não pode ser desvinculada da paisagem, entendida enquanto categoria geográfica. Por isso, demos uma atenção especial às maneiras de pensar e sentir que são extremamente subjetivas. Segundo Etienne François:

(...) uma pesquisa oral pode revelar tantos elementos novos sobre o período da história contemporânea (...) porque o seu potencial documental e heurístico vai além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples “ciência auxiliar”, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar num verdadeiro salto qualitativo. Quaisquer que sejam as precauções críticas no emprego dos depoimentos orais, como historiador modernista não posso deixar de assinalar o contraste entre as limitações das raríssimas entrevistas ou histórias de vida que encontramos nos arquivos e as possibilidades quase infinitas e a representatividade bem maior das entrevistas e histórias de vida suscitadas pela pesquisa oral (FRANÇOIS, 2005, p. 9).

Sobre o método, fenomenológico, há de se ressaltar que o mesmo procura tornar explícita a estrutura e o significado implícito da experiência humana (SANDERS, 1982). Exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à consciência, enfatizando a experiência pura do sujeito (COLTRO, 2000); não ensina uma dialética unidimensional, mas polissêmica. Essa interpretação se faz na forma de um conflito de interpretações que é indispensável para que a ação interpretativa se aproxime, o máximo possível da estrutura simbólica do fenômeno (REZENDE, 1990). Para tanto, a aplicação de questionários abertos promovem a interlocução entre o investigador e o investigado, na intenção de compreender a dimensão da experiência do indivíduo entrevistado. Com os relatos evidenciados na entrevista, é possível uma análise intersubjetiva da experiência, que nos aproximam da construção do *modus vivendi* e da interpretação dos pilares da formação identitária comunitária.

A história oral, como método de pesquisa, tem a função de purgação da memória (FRANÇOIS, 2005) e uma reação ao quantitativismo positivista que dominou as ciências sociais (LAZANO, 2005). O estudo da oralidade é um meio profícuo de se estudar comunidades rurais, nas quais o conhecimento e a memória ainda transitam pelos caminhos da oralidade. Entretanto, além de coletarmos, ordenarmos e sistematizarmos as informações transmitidas por via oral, nós também analisamos, interpretamos e inserimos essa nossa fonte de estudo em um contexto macro, que é o processo de globalização.

Questionários que foram preenchidos pelos nossos entrevistadores serviram como base para uma entrevista. Procuramos instruir nossos pesquisadores coletores a se envolverem de forma subjetiva com os entrevistados, pois, sabemos que os mesmos fornecem informações pessoais que representam um ponto de vista. Entretanto, não nos esquecemos de realizar uma abordagem científica por meio da confrontação das fontes, do trabalho crítico e a adoção de uma perspectiva. Ao reconhecermos a nossa subjetividade, demos uma manifestação clara do nosso espírito crítico sobre a nossa própria prática (JOUTARD, 2005). Sabemos também que, ao utilizarmos a história oral como método, não agimos exclusivamente como cientistas. Aproximamo-nos do ofício do artista, pois, não hesitamos em fazer uma história-memória, obra de pesquisa e obra de arte. Afinal, somente um artista pode ampliar os horizontes do conhecimento e trazer à tona o sentir e o pensar que são totalmente abstratos e convertê-los em letra, verdadeiras crônicas de vidas possíveis.

Assim, os questionários traziam perguntas que possibilitaram apresentar os dados quantitativos que serão apresentados a seguir, em gráficos. Contudo, os questionários permitiam o registro de impressões, que se apresenta diluídos no corpo do texto mais adiante. Desta forma, os nossos questionários se apresentam como um instrumento quantitativo e qualitativo.

Mudanças sistêmicas ditas globais

A década de 1990 registrou diferenças profundas na sociedade em que vivemos. Tais diferenças, contudo, se expressaram por meio de diferentes ritmos de transformação da paisagem, tanto no que tange a comparação entre países quanto ao que diz respeito à transformação entre certos recortes espaciais. O início dos anos 1990 foi marcado pelo momento em que o socialismo caducou como sistema político econômico, a partir da fragmentação da URSS. Em um mundo sem a bipolaridade político econômica, entrou em cena a era dos grandes blocos econômicos, que buscavam potencializar as relações regionais entre países que se aproximaram economicamente. Medidas extremamente protecionistas passaram a ser mal vistas no mercado e serviam para afastar investimentos estrangeiros. A ideia de um Estado forte se despedaçou, dando espaço para o Estado Mínimo, mais adequado para esse mundo onde o processo de globalização se intensificou, tendo a flexibilização produtiva como um dos principais motes do capitalismo. Ao mesmo tempo, os avanços das telecomunicações - sobretudo a popularização da Internet - ajudaram a revolucionar o caduco modo de produção, iniciando uma era em que os limites das atividades econômicas privadas e estatais se expandiram. David Harvey em seu livro “A condição pós-moderna”, compartilha dessa percepção, apontando para características peculiares do mundo no final do século XX:

Se houve alguma transformação na economia política do capitalismo no final do século XX, cabe-nos estabelecer quão profunda e fundamental pode ter sido a mudança. São abundantes os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado, etc. No Ocidente, ainda vivemos em uma sociedade em que a produção em função de lucros permanece como o princípio organizador básico da vida econômica (HARVEY, 2004, p.117).

O subtítulo “Mudanças sistêmicas ditas globais” já é por si só uma provocação que alude à ideia de que a globalização não torna o espaço homogêneo. Assim, as mudanças sistêmicas abordadas não provocariam respostas iguais em escala planetária, tema que será melhor desenvolvido a seguir.

Observações sobre o espaço

A flexibilização produtiva, que se consagrou no final do século XX, é o resultado de uma atuação racional dos grandes empreendedores que viam nas novas tecnologias a possibilidade de fixarem sua base produtiva em posições distantes do mercado consumidor de seu interesse. O cenário em questão foi construído mediante a ascensão de novas vantagens comparativas que, equacionadas, deram luz a uma nova organização produtiva, caotizando a antiga divisão territorial do trabalho. O barateamento dos transportes, associado à existência de países dotados de leis ambientais menos rígidas, impostos e mão-de-

obra mais baratas mudaram a geografia da produção e da circulação, fazendo com que a antiga dicotomia proposta pela Divisão Internacional do Trabalho também se modificasse.

Porém, a nova geografia da produção e da circulação não foi desenhada apenas pela existência de novas áreas de produção, que permitiu que muitos produtos consumidos no ocidente apresentassem o registro “*Made in*” Indonésia, Bangladesh ou Vietnã. A produção geográfica também foi desenhada pela existência de novos mercados consumidores potenciais, que fizeram com que empresas, anteriormente europeias, japonesas ou americanas cogitassem a mudança do seu centro de decisões para países outrora chamados de terceiro mundo.

A construção da noção de um sistema econômico foi principalmente feita pela flexibilização produtiva. Harvey (2004), ao utilizar a expressão “compressão do tempo-espaço”, ajuda a entender o novo mundo que permite esta flexibilização produtiva. Justifica a expressão e discorre sobre ela neste trecho:

Uso a palavra compressão por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós. O tempo necessário para cruzar o espaço e a forma como costumamos representar esse fato para nós mesmos são indicadores úteis do tipo de fenômeno que tenho em mente. À medida que o espaço parece encolher em uma aldeia global de telecomunicações e numa espaçonave terra de interdependências ecológicas e econômicas – para apenas usar duas imagens conhecidas e corriqueiras -, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal (HARVEY, 2004, p.219).

A compressão do tempo-espaço descrita por Harvey tem se reproduzido e dominando *o modus vivendi* de parcela expressiva da humanidade. Contudo, determinados espaços resistem aos processos de transformação dos grandes agentes da globalização, sendo descritas como rugosidades pelo geógrafo Milton Santos:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares (...).
(...) Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (SANTOS, 2012a, p.140).

Assim, as rugosidades representam a resistência ao processo hegemônico, ao apresentarem registros de técnicas já superadas convivendo com técnicas modernas - ao mesmo tempo em que representam ritmos diferentes ao se apresentarem como verdadeiros enclaves tempo-espaciais de épocas pretéritas. Esses modos obsoletos, ao conviverem em um mundo altamente globalizado, tornam-se não somente um registro do passado, mas um modo de vida diferenciado frente aos processos hegemônicos atuais. Além disso, as rugosidades representam registros vivos do questionamento da natureza da

globalização. As promessas do processo de globalização são duramente questionadas quando colocadas frente a essas realidades. Sobre as promessas não realizadas da globalização, argumenta Milton Santos:

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado (SANTOS, 2012b, p. 19).

Milton Santos (2012b) coloca em xeque a ideia da ocorrência de uma compressão do tempo-espaço para todos e critica a elaboração de Herbert Marshall McLuhan e Quentin Fiore (1971), cabendo ao primeiro à cunhagem da expressão aldeia global. McLuhan referia-se ao cunhar esta expressão à síntese de um processo de homogeneização do *modus vivendi* em escala planetária. Deste modo, a compressão do tempo-espaço e a aldeia global trazem perspectivas complementares (sendo a primeira, causa, e a segunda, efeito).

O mundo pós-Guerra Fria tem sido pautado pelo crescimento de acordos bilaterais e multilaterais que servem para a aproximação entre os Estados. A interdependência entre as nações tem favorecido a adoção de regras que são respeitadas mutuamente e que pautam por princípios liberais. Regimes que insistem praticar grande intervenção acabam sendo alvejados por críticas e não são vistos pelos empreendedores como um local favorável ao investimento, sendo, geralmente, classificados negativamente pelas agências de risco. Nesse sentido, Cuba e Coreia do Norte, que insistem em modelos rígidos e em desarmonia com a ordem liberal pós-Guerra Fria, colhem o ônus econômico dessa opção, que lhes garante a posição de isolamento, ainda que, no caso da “ilha caribenha dos irmãos Castro”, o embargo econômico não tenha sido uma opção natural do regime em vigor. Por outro lado, o fortalecimento das instituições e o aumento de tratados e resoluções entre países colaboram para a multiplicação de regras que engessam a soberania estatal. Esse engessamento é proporcionado por uma clara relação de poder entre Estados. Os países sofrem pressões para observar as regras das grandes instituições, mesmo tendo a opção de não se comprometerem a se tornar membros delas. O mesmo raciocínio serve para os tratados internacionais, sejam eles bilaterais ou multinacionais. Esses tratados são pautados em regras já observadas pelas instituições e servem para diminuir ainda mais a soberania dos países a partir de comportamentos pré-determinados e hegemônicos. Bertrand Badie em “*Um mundo sem soberania*” trata neste trecho do tema:

Também a diminuição das capacidades soberanas dos Estados é cada vez mais o efeito corrente das interdependências crescentes. As facilidades de comunicação, especialmente ligadas ao avanço das solidariedades transfronteiriças, alimentam processos de globalização que conduzem cada Estado a assumir como próprios os assuntos internos dos seus vizinhos (BADIE, 1999, p.144).

Os princípios defendidos pelas instituições são ocidentais. A palavra ocidental ganha nessa aplicação um amplo universo semântico. Ela não deve ser entendida aqui como um posicionamento geográfico (a oeste de Greenwich), e sim como uma adoção de posturas que trazem reflexos inevitáveis nas diversas esferas da vida política e social do Estado que as adota. Zakaria (2008) considera que

A ocidentalização não diz respeito apenas a aparências. Executivos de todo o mundo dirigem suas empresas mediante o que poderíamos chamar de práticas empresariais padrão. A verdade é que esses padrões, do lançamento duplo em contabilidade a dividendos, são todos de origem ocidental. E isso não vale apenas para o mundo empresarial. Nos dois últimos séculos e, em especial, nas duas últimas décadas, as instituições governamentais de todo o mundo se tornaram mais parecidas, com parlamentos, agências reguladoras e bancos centrais. Ao pesquisar vários países da Europa e da América Latina, dois estudiosos descobriram que o número de agências reguladoras independentes (organismos de estilo americano) aumentou sete vezes entre 1986 e 2002. Até a política tem um aspecto cada vez mais familiar em todo o planeta. Consultores americanos costumam receber polpidos honorários para dizer aos políticos asiáticos e latino-americanos como conquistar o voto de seus compatriotas. Livros, filmes e televisão refletem os gostos locais, mas a estrutura dessas indústrias (bem como muitos aspectos do conteúdo) está se tornando mais padronizada. Bollywood, por exemplo, está se afastando de sua tradição de orçamentos baratos e longas durações para fazer filmes mais curtos e comerciais, com investidores de Hollywood e potencial de exportação. Hoje, ao caminhar pelas ruas de qualquer lugar do mundo industrializado, vemos variações dos mesmos temas – caixas eletrônicos, cafés, lojas de roupas com suas liquidações sazonais, comunidades de imigrantes, cultura e música populares. O que está desaparecendo nos países em desenvolvimento é uma alta cultura antiga e a ordem tradicional. Elas estão sofrendo o desgaste causado pela ascensão de um público de massa, que ganhou poder do capitalismo e da democracia. Esse fenômeno muitas vezes é associado à ocidentalização porque aquilo que substitui o antigo – a nova cultura dominante – tem aparência ocidental, mais especificamente, americana (ZAKARIA, 2008, p. 88, 89).

Está claro, portanto, na argumentação de Zakaria que a essência da globalização é homogeneizadora. O mesmo não pode ser dito acerca do resultado da atuação deste processo no espaço geográfico. O Estado e o mercado (entendido como a ação da iniciativa privada) são forças inegáveis que promovem a intensificação da globalização. A partir da formação dos primeiros Estados é plausível admitir que tais instituições políticas tinham um papel muito importante como promotoras da intensificação da globalização. O papel do mercado, por sua vez, nunca foi tão forte como nos tempos atuais. A ação do Estado como agente transformador do espaço nem sempre visa o lucro. O Estado, em tese, deveria estar mais preocupado do que o mercado com questões ligadas a minimização da pobreza. Entretanto, por trás desta pretensa ação social, podem repousar interesses subjacentes, verdadeiros jogos ocultos que estariam ligados, por exemplo, ao aumento da coleta de impostos mais robustos de uma classe ascendente. O mercado, por sua vez, é, em tese, o domínio da ação racional. Os investimentos observam a lógica do retorno financeiro a partir de probabilidades que são mais ou menos favoráveis ao empreendedor. É sensato considerar que os principais empreendimentos que ocorrem em toda a superfície do globo são fruto de uma ação racional. Desse modo, apesar da essência da globalização ser homogeneizadora, como lembrou Zakaria, o resultado de sua ação não o é. O espaço geográfico é completamente fragmentado em regiões

que apresentam níveis diferentes de interesse mercadológico. Assim, o espaço vai sendo produzido de um modo em que as desigualdades se ampliam. Afinal, os grandes centros de interesse do capital possuem ritmos de transformação da paisagem mais semelhantes entre si, enquanto que as áreas “desinteressantes” experimentam grandes diferenças em relação a esses centros. A esse fenômeno propomos a expressão *paradoxo da globalização*.

As ditas cidades mundiais são centros nevrálgicos do interesse do capital, concentrando grandes centros de comando de imensas corporações empresariais que têm, por sua vez, atuação em diversos países do mundo. Essas cidades possuem paisagem, ritmo e modo de vida urbano semelhantes entre si, ainda que não se constituam como um espaço homogêneo, haja visto as diferenças que envolvem o seu centro e periferia e as explicações nem sempre simples acerca da perpetuação de rugosidades como elementos componentes da paisagem urbana. Foram se consolidando ao longo da história do seu desenvolvimento como centros influentes não somente para os países em que se situam como também para vastas regiões que estão além das fronteiras nacionais. A posição dessas cidades frente às redes viárias ajuda a explicar parcialmente a sua relevância como um lugar central: tais cidades tornaram-se entroncamentos-chave da rede aérea, ferroviária, rodoviária e fluvial (se as condições naturais permitirem). Segundo Pierre George

Uma das posições urbanas mais comuns e mais propícias à continuidade do desenvolvimento da cidade é a posição de entroncamento. A convergência de vias de circulação, favorecendo os transportes mais baratos, é um fator de desenvolvimento de mercados. A vocação comercial implica, pelo menos no começo, um processo de convergência. Seu progresso e sua estabilização demandam, por outro lado, um ato político (...) de centralização administrativa (GEORGE, 1969, p.2).

As cidades mundiais são nós centrais das grandes redes viárias. O vasto tecido viário que repousa sobre o planeta confere precisos detalhes anatômicos do processo da globalização. Áreas menos assistidas pelas vias acabam sendo as menos interessantes para o mercado e à apropriação econômica, tendendo a conservar características peculiares e se tornando aquilo que Milton Santos chamou de rugosidades do espaço. As diferenças espaciais se manifestam em diversas escalas: dentro das próprias cidades, na província, no país ou no continente.

Observações sobre a identidade

Segundo Stuart Hall (2002) o mundo moderno passa por uma crise de identidade. Para o autor, as velhas identidades capazes de estabilizarem o mundo social, estão em declínio, fragmentando o indivíduo moderno ao desestabilizar as âncoras de referências do mundo social. Na verdade, ao que parece, nada mais é estável e tudo flutua. Essa identidade flutuante está sempre se alterando de acordo com as mudanças culturais. Nesse sentido, um aspecto relevante a ser considerado no processo de mudança é a globalização

que, como fenômeno da modernidade, é o combustível da permanente transformação, “todas as novas relações se tornam antiquadas, antes mesmo de se consolidar. Tudo o que era sólido se evapora no ar” (MARX e ENGELS, 2003, p. 29).

A identidade do sujeito sociológico passa a ser contestada e o seu colapso torna-se alvo de diversos estudos. Hall (2002) aponta que a identidade sociológica pode estar entrando em colapso e surge então uma identidade do sujeito pós-moderno. Essa identidade seria marcada pelo fato de o indivíduo “assumir identidades diferentes em momentos diferentes” (HALL, 2002, p. 13).

Entretanto, em pequenas comunidades mal assistidas por redes de transporte e comunicações, as pessoas parecem tender a seguir na contramão da modernidade e mantêm uma identidade cujo sujeito sociológico ainda é tão relevante quanto o sujeito pós-moderno, ainda que esta não possa ser entendida como uma regra que se aplique a todos os indivíduos. Por este prisma, a identidade individual ainda busca elementos simbólicos que preencham o interstício entre o interior e o exterior, mas em sintonia com as rupturas e permanências de suas referências sociais, ou seja, a identidade ancora o indivíduo à estrutura social, estabilizando e solidificando as relações por um tempo maior do que na identidade calcada na frivolidade da globalização.

Estabelecido o ponto de partida para a discussão sobre a identidade, passemos a problematizar a relação da memória com a construção da identidade. Ora, segundo Maurice Halbwachs (2000), o indivíduo é o responsável pela lembrança, mas são os grupos sociais que determinam o que é memorável. Sendo assim, as pessoas podem lembrar até mesmo de algo que elas não viveram.

A memória não reflete a realidade e assim, a história escrita não reflete de maneira precisa a memória. Um dos pontos que pretendemos enfatizar em nosso trabalho é como as pessoas que moram no povoado de Chapada lembram do próprio passado. Lembramos que o acesso que temos ao passado ocorre por meio dos esquemas da memória³, ou seja, a partir da nossa própria cultura. Esta, por sua vez, encontra na paisagem sua expressão, afinal, “a paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades” (CLAVAL, 2001, p.14). Portanto, entendemos como fenômeno histórico a memória construída em Chapada e não como fato histórico. O que as pessoas lembram e como lembram é encarado por nós como algo seletivo cujo objetivo é apresentar uma memória social maleável que pretendemos compreender como é transmitida, alterada e quais são os usos dos esquecimentos.

³ O historiador da arte Ernst Gombrich, citado por Peter Burke no livro *Varietades da história cultural*, (GOMBRICH, *apud* BURKE, 2000, p.77), destaca que o aspecto em comum de lembrar um determinado fato ou pessoa – de maneira coletiva - em detrimento de outro constitui-se nos esquemas da memória.

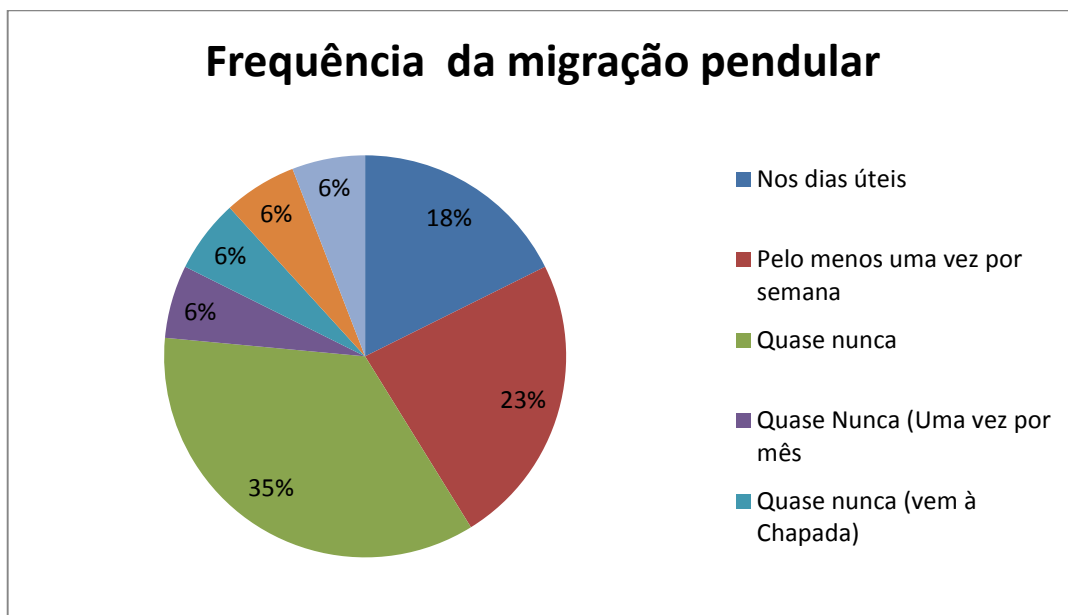
Desenvolvimento

Chapada é um distrito pertencente ao município de Ouro Preto cuja população gira em torno de 60 habitantes. Foi fundada no esteio da mineração, assim como vários povoados em Minas Gerais. O povoado de Chapada se formou a fim de abastecer às áreas mineradoras de Ouro Preto ainda no período colonial. O povoado foi batizado com o nome Chapada devido aos aspectos geomorfológicos de sua paisagem adjacente, ainda que, a formação que cintila em seu horizonte não seja uma Chapada propriamente dita. O povoado manteve o costume colonial de fixar a maior parte das moradias no entorno da praça da Igreja. Ninguém sabe ao certo quem fez a doação das terras para o patrimônio de Sant'Ana. Conta-se que foi uma família de portugueses que vivia na região. Embora não tenhamos acesso ao documento de doação, alguns moradores afirmam que tal documento encontra-se nos arquivos da Igreja de Sant'Ana, em Chapada. A economia da cidade baseia-se na prestação de serviços, sendo que parte da diminuta população local trabalha em Ouro Preto. As pessoas que trabalham, especificamente no povoado, exercem atividades ligadas ao turismo e à prestação de serviços. Para fins de pesquisa, todos os domicílios foram visitados. Contudo, boa parte destes não nos atendeu à porta, pelo imóvel estar abandonado ou mesmo pelos moradores trabalharem longe de suas casas.

Perfil do entrevistado

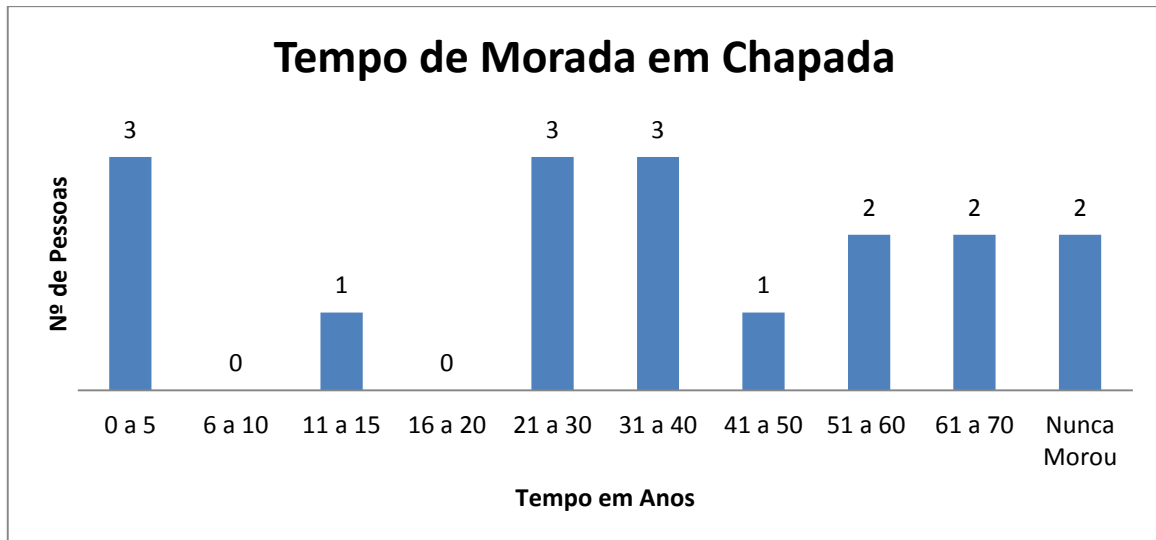
A amostra dos entrevistados envolveu 17 indivíduos. Nesta amostra, os entrevistados eram adultos, maiores de 20 anos. As entrevistas foram realizadas em uma quarta-feira, entre 10:00 e 15:00. É importante detalhar o dia e o horário em função de comportamentos pendulares e/ou sazonais que podem alterar sensivelmente os dados coletados. O povoado possui uma população de elevada idade média, sendo 13 pessoas acima de 40 anos, duas pessoas entre 21 e 30 anos e outras duas pessoas entre 31 e 40 anos. A maioria dos entrevistados era composta por mulheres (10 das 17 entrevistas). Dentre as profissões, pedreiros se destacaram no universo amostral, como já era esperado: foram observadas obras de melhoria em algumas casas e ampliações de pousadas puderam ser notadas. Há uma clara complementariedade em muitas das profissões registradas, o que nos permite inferir uma certa integração do trabalho na incipiente economia local. A maioria dos entrevistados trabalha em Chapada. Apesar disso, devido à existência de muitas casas em que o morador não se encontrava na hora da entrevista, é de se esperar que o número de pessoas que trabalham fora do local do domicílio seja muito maior. É possível perceber, através da interpretação da amostra, um certo grau de influência de Mariana e Ouro Preto sobre o quesito abordado. Dentre os entrevistados, dez pessoas trabalham em Chapada, as demais (7 pessoas) trabalham em Mariana, Ouro Preto e Vela do Campo.

Também foi perguntado sobre a profissão dos pais dos entrevistados. Sendo que, se a profissão dos seus genitores se mostrou muito variada. As profissões das mães, por outro lado, apresentaram duas ocupações dominantes: doméstica (5 ocorrências) e dona de casa (7 ocorrências), mostrando fortemente uma relação da mulher com o trabalho doméstico, seja em sua casa ou na casa de outrem. A ampla maioria dos entrevistados não frequenta instituições de ensino (16 das 17 entrevistas). Isso talvez se deva pelo perfil etário da amostra entrevistada. Quanto ao grau de escolaridade, 3 (17,64%) apresentam Ensino Médio completo e outros 3 apresentam Terceiro Grau completo. Outros 7 (41,17%) apresentam o 9º Ano do Ensino Fundamental Incompleto, permitindo-nos inferir que a maioria dos entrevistados possui baixo grau de instrução. A grande maioria dos entrevistados possui carro ou moto (13 entrevistados, ou seja, 76,47%), o que ajuda a entender o certo grau de mobilidade apresentado pelos entrevistados, que, em sua maioria, deixam o povoado com certa frequência pelos mais variados motivos. Cerca de 41% dos entrevistados encaixam-se em um perfil de menor mobilidade, deixando Chapada dificilmente (com frequência de uma vez por mês ou mais raramente).



Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo.

A amostra revelou um grupo de indivíduos integrados no que diz respeito à comunicação, sendo que 14 (82,35%) fazem uso do celular, que é muito mais popular do que o telefone fixo (somente 5 entrevistados o possuem, ou seja, 29,41%). A internet, contudo, é novidade para muitos. É disponível para a comunidade desde 2012 e ainda não é amplamente utilizada, pelos menos no que se refere à amostra entrevistada: somente 5 (29,41%) fazem uso dessa ferramenta. Para fazer o uso do correio, o morador de Chapada precisa ir a outros locais. A televisão e o rádio, porém, são largamente utilizados. A maioria dos entrevistados mora em Chapada há mais de 20 anos. Isso permite inferir que, dentre os entrevistados, há a predominância da estabilidade de moradia, conforme pode ser percebido no gráfico a seguir.



Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo.

Etnografia identitária

Nosso objetivo nesse tópico é identificar, enfim, quais são os elementos que formam os esquemas na construção da memória social em Chapada. A tradição oral foi a forma de transmissão dos saberes que identificamos no povoado. Devemos, entretanto, ressaltar que os exemplos que citaremos a seguir tornam plausível a associação dos esquemas às tradições orais. De fato, não estão atrelados, mas em nossa pesquisa a série de exemplos que escrevemos visa o didatismo sobre a formação dos esquemas da memória, expressão já apresentada e cunhada por Ernst Gombrich. Os esquemas da memória são desenhados a partir dos aspectos comuns que são construídos e transmitidos pela memória social. Sendo assim, um aspecto a ser considerado sobre a memória é a narrativa que cumpre o seu papel social que é, por sua vez, o de comunicar a terceiros informações sobre algo ou alguém que não está presente.

A fim de identificarmos os aspectos comuns da memória (e considerando a ausência de uma linguagem escrita para que pudéssemos consultar sobre a formação da memória social no povoado de Chapada), perguntamos aos entrevistados sobre os acontecimentos que eram mais marcantes para a localidade. Também pedimos que os entrevistados fizessem uma breve descrição destes acontecimentos. Tais aspectos comuns na formação da memória são relevantes para formação da identidade do sujeito sociológico. Essa identidade deve ser considerada como mais uma variável da formação identitária, uma vez que o sujeito não é autossuficiente, mas formado na sua relação com as outras pessoas que ocupavam ou que ainda ocupam uma posição de relevância para o indivíduo. Segundo Stuart Hall: “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior, o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2002, p. 11). Isto posto, é necessário salientar que tais noções identitárias sobre o sujeito sociológico têm sido questionadas, uma vez

que, uma identidade única e estável está se tornando cada vez mais híbrida e, portanto, composta por várias identidades. Seria esta a identidade que compõe o sujeito pós-moderno.

Verificamos, porém, que nosso trabalho priorizou a compreensão da formação de uma memória social por meio dos esquemas da memória, que, por sua vez, nos permitiu vislumbrar os aspectos híbridos identitários, sem a pretensão de compreendê-la em sua completude.

Festas do Povoado

A Gastroarte e a festa de Sant'Ana foram as festas destacadas pelos moradores como as mais importantes do distrito. Segundo Jacques Le Goff (1990), essa forma de lembrar a mesma coisa como se as pessoas estivessem organizando a memória de acordo com a tradição é chamada de história ideológica, pois nela prevalece uma lembrança social em detrimento das memórias objetivas descritas pelos historiadores. Por outro lado, a laicização do calendário (LE GOFF, 1990), típica das sociedades modernas, tornou possível a multiplicação das comemorações. Afinal, não somente as datas religiosas passaram a ser exploradas, mas também festivais laicos que passaram a solidificar seu espaço no calendário. Deste modo, o turismo que antes aquecia o comércio apenas em algumas datas pode ser melhor explorado ao longo de todo o ano. Para isso, descrevemos a seguir as principais festas do distrito, segundo seus moradores.

Como foi dito, as festas locais são muito importantes para o povoado, uma vez que tem o potencial de atrair os turistas. Dentre essas datas, destacam-se a festa da padroeira, Sant'Ana, a Gastroarte, o Carnaval e a Festa de São João. A principal festa do povoado é a da padroeira, Sant'Ana. Organizada pelos próprios moradores, essa festa recebe entre 500 a 1000 pessoas todos os anos e é composta por comidas típicas, leilões e muita música. Apresenta-se ainda, com grande importância, a coroação realizada pelas crianças, ritual que vai ganhando contornos de tradição na comunidade.

A segunda maior festa do povoado é a Gastroarte. O evento envolve a culinária do povoado e têm chamado atenção, inclusive da mídia. O motivo da procura por José Loretto é o fato desse senhor ser o inventor da paella mineira, um prato espanhol, adaptado pelo cozinheiro. A base da paella mineira é o torresmo à pururuca, mas outros ingredientes como a linguiça caseira também compõem o prato. Além da paella, os pastéis de angu da Dona Regina também ganham importante destaque durante o evento. Embora recente, o evento de culinária tenha ultrapassado a festa de São João em importância econômica para o povoado. Esta última também é organizada pelos moradores e, assim como a festa da padroeira, a boa culinária local se faz presente, além dos leilões e das brincadeiras típicas das festas de São João, como o pau de sebo.

“Alguma coisa está fora da ordem”

Quando perguntamos aos nossos entrevistados sobre um fato atípico que teria marcado a vida deles, destacaram comumente a gravação do “Memorial de Maria Moura”, minissérie do canal de televisão Globo. Embora todos os entrevistados tenham citado a gravação da minissérie, consta, no site da Tv. Globo⁴, que a produção em questão foi gravada em Tiradentes/MG e em Teresópolis/RJ. Entretanto, Marlene Maria Gallo (2007)⁵ apresenta em sua dissertação de mestrado que o Memorial de Maria Moura foi gravado em diversas cidades e dentre elas “Chapada de Ouro Preto em Minas Gerais”. Como Chapada não é propriamente um distrito do município de Ouro Preto, o fato é de difícil comprovação. Entretanto, pouco nos interessa se a minissérie foi ou não gravada no povoado. O que nos importa é identificar qual é a memória dos seus habitantes, mesmo que seja baseada em eventos falaciosos e que se tornaram um mito popular. Sendo assim, passamos a uma breve descrição do relato dos moradores.

A gravação da minissérie global, *Memorial de Maria Moura*, gerou no povoado um sentimento de integração à modernidade. A gravação da minissérie fez com que as pessoas se sentissem orgulhosas de morar em um lugar que serviu de cenário para teledramaturgia brasileira. Esse sentimento ocorreu devido ao aumento dos turistas que procuravam o povoado, gerando, no campo das ideias e no imaginário coletivo, um novo patamar de importância da comunidade perante a sociedade brasileira. Segundo os entrevistados, Chapada foi escolhida para a gravação da produção televisiva devido a sua paisagem urbana conservar os aspectos rústicos e coloniais e a sua gente preservar as marcas e a simplicidade do interior.

Religião

A religião mantém as suas raízes coloniais e familiares. O povoado é predominantemente católico, à exceção de um entrevistado que é evangélico. As pessoas mantêm a devoção a vários santos. Mas a santa que é alvo das preces dos fiéis é Sant’Anna, certamente pelo fato de ser a única igreja do povoado. A Igreja foi construída ao longo do século XIX por doações da comunidade e, ao que parece, substituiu a capela que fora construída nas terras do doador do patrimônio à Igreja. Assim, a Igreja se tornou comunitária e passou a ocupar o local de destaque na vida da comunidade, ou seja, na única praça do povoado. Ao redor da Igreja, se organizam as casas dos moradores e também toda a vida coletiva local, pois é na praça que se realizam

⁴ <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/memorial-de-maria-moura/producao.htm> - acesso em 19/07/2016.

⁵ Gallo, Marlene Maria. A construção da mulher guerreira em Memorial de Maria Moura: do livro à minissérie. 2008. 199f. Dissertação – Unimar. Marília, dezembro de 2007. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp070261.pdf> - acesso em 19/07/2016.

todos os eventos sociais. Há de se destacar que o padre não é um morador do povoado, eventualmente, apenas quando os moradores demandam, um padre de Ouro Preto vai até a Chapada e realiza as missas.



FIGURA 3 - Igreja do Povoado de Chapada. 2014. Foto do autor

Memória e outros aspectos identitários

Embora as técnicas e os materiais de construção tenham se modernizado e ambos já tenham chegado ao povoado de Chapada, várias das casas ainda mantêm a taipa como principal matéria-prima. As telhas coloniais, feitas rusticamente, remetem ao tempo em que se moldava o barro da telha na coxa dos ceramistas. Recentemente, o Sr. Valter construiu em sua propriedade um moinho d'água utilizando como matéria-prima a taipa. Até 1982, a iluminação era feita pelos lampiões e os responsáveis eram os próprios moradores que os colocavam na porta de suas casas. Mesmo com a chegada da energia elétrica, o objeto de iluminação não foi descartado, pois, ainda é utilizado quando falta energia elétrica.

Os moradores fazem questão de manter o *modus vivendi* calmo do povoado e, por isso, solicitam aos turistas, quando necessário, que desliguem os sons automotivos e que não andem de roupa de banho pela praça. As principais festas do povoado são aquelas ligadas à religião e que ocorrem tradicionalmente todos os anos. Mesmo a gastroarte, que é uma festa secular, segue a tradição da comida típica mineira. A paella, inventada por José Loretto, é toda feita de elementos tradicionais da culinária mineira.

Embora a internet e a eletricidade tenham chegado ao povoado, a gastroarte ser uma festa moderna e secular e as técnicas de edificação serem modernas, o habitante de Chapada ainda mantêm um modo de vida colonial. As forças da modernização trazidas por intermédio da tecnologia esbarram em traços da vida cotidiana, como assentar-se à porta da casa com um banquinho a mais para que o passageiro ocasional possa

se sentar e interagir. As casas da praça, sem muros ou cercas, cujos quintais se misturam uns com os outros, ainda nos mandam notícias da vida em comunidade típica do interior. As portas e janelas abertas, a ausência de campainhas e a disponibilidade para receber o convidado inesperado, desde que passageiro, continua sendo uma das marcas coloniais que se preservam no povoado.

A identidade pós-colonial vem se formando em Chapada, mas ainda há muito da colônia e bem pouco da modernidade globalizante presentes no povoado. O desejo de ser proprietário, ter o próprio carro, a casa própria e quiçá o próprio negócio são perceptíveis no povoado. A permanência da paisagem urbana no entorno da Igreja e as festas como principal *'ethos social'*⁶ garantem as permanências coloniais na identidade coletiva. A memória coletiva, ainda calcada na âncora do grupo, talvez seja, a característica mais marcante da identidade local. Embora algumas pessoas tenham destacado memórias pessoais como as mais significativas para elas, a maioria dos moradores deram destaques a momentos vivenciados em espaços públicos pela coletividade, pois, até mesmo aquelas pessoas que não viram a gravação do Memorial de Maria Moura, lembram-se desse evento como o mais importante do povoado. As celebrações são uma forma poderosa de transmissão da memória, pois, introjeta no indivíduo os símbolos sociais bem como os seus significados e valores que a posteriori serão espelhados na formação da identidade pessoal.

Dentre os meios de transmissão dos saberes, o espaço ganha importante significado no estudo da identidade do povoado de Chapada. Afinal, a paisagem urbana ainda remonta ao passado colonial, como nos mostra, dentre outros aspectos notáveis da paisagem, a edificação recente do moinho d'água (fig. 4). Tal edificação conta com materiais e técnica que remontam ao período colonial e que são formas associadas a um período pretérito. Para o olhar do forasteiro que acredita em uma única linearidade histórico-evolutiva, o moinho, apresenta-se como uma poesia anacrônica, em um esforço de (re)construção do espaço colonial. A relação entre o lugar e a memória que preserva a paisagem urbana colonial e ainda a constrói serve para diferenciar o "nós" do "eles".

⁶ O Ethos social descreve a identidade social de um grupo. No caso de Chapada recorremos a Bhabha (O Local da Cultura, páginas 91 e 91. 2013) que discutir a formação da auto-imagem a partir do reflexo da imagem do grupo. Para isso, o questionamento do Eu Verdadeiro é realizado a partir das vivências do grupo ou do espaço através "do enquadramento mimético ou imagem visual da identidade".



FIGURA 4- Moinho d'água na propriedade do Sr. Valter em Chapada 2014. Foto do autor.

As principais fontes do nosso trabalho foram os materiais colhidos nas entrevistas que nos forneceram aspectos simbólicos da narrativa cuja interpretação, longe de objetivar a verdade, nos permitiu compreender que a identidade coletiva é tão importante quanto a individual. Embora os entrevistados tenham apontado uma ou duas pessoas em comum como a mais importante do povoado – e sempre apontavam as mesmas pessoas –, a maioria dos entrevistados afirmou que o grupo de moradores era o mais importante em Chapada. Tais aspectos comuns da memória formam os esquemas cujo objetivo é lembrar, ou representar, um determinado acontecimento do passado que seja relevante para o grupo. As respostas semelhantes – dadas por pessoas de faixa etária, gênero, condição social e vivências diferentes – nos remeteram a um referencial coletivo comum que não se encontra na identidade do sujeito pós-moderna, mas naquele que conta com manifestações da identidade do sujeito sociológico.

CONCLUSÃO

Tendo em vista as várias identidades sociais em culminância com a existência de memórias, tanto as conflituosas como as alternativas, constatamos que, em Chapada, a memória coletiva, construída a partir de elementos simbólicos, como o espaço e o próprio discurso, é preponderante sobre as outras – as conflituosas e as alternativas -. Assim como a memória, a identidade social é formada por memórias coletivas. Pois, embora não existam memórias oficiais impostas aos moradores, os entrevistados organizaram a memória coletiva sobre os fatos a fim de contarem, quase sempre, a mesma versão.

Assim, no povoado de Chapada encontramos, por intermédio dos simbolismos, a formação de uma identidade social cujo indivíduo busca se ligar ao grupo construindo e formando uma memória coletiva entorno da própria existência pessoal. A predominância da memória coletiva sobre a individual é uma característica marcante das sociedades cuja identidade do sujeito sociológico é mais marcante do que a do sujeito pós-moderno, na qual o indivíduo tem uma identidade móvel e líquida, no sentido expresso por Zygmunt Bauman (2001). Tal característica contrasta com a formação de uma identidade moderna, na qual o indivíduo prevalece sobre o grupo e suas memórias pessoais constituem a sua identidade de maneira mais marcante do que as coletivas.

No povoado de Chapada, consomem-se em um ritmo diferente os mesmos bens, serviços e imagens que são consumidos pelas culturas globais. Nesse sentido, podemos dizer que o atrativo turístico do povoado é exatamente a manutenção de suas características que lhe conferem uma identidade anti-moderna. Em Chapada, é possível ter o contato com um *modus vivendi* pouco habitual, híbrido como qualquer identidade (no sentido pós-moderno), mas com reminiscências temporais muito destacadas. Estas características são, somadas as marcas da paisagem bucólica, atrativos inequívocos dos visitantes. Stuart Hall nos afirma:

(...) Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local” (HALL, 2002. Pg. 77).

As peculiaridades registradas na comunidade contribuem para o endosso do pensamento do geógrafo Milton Santos, que serve para criticar a ideia generalizada de que a compressão tempo-espaço descrita por David Harvey, apontada como condição do processo de globalização, encontra exceções. Chapada encontra-se próxima a um grande centro urbano do Brasil – Belo Horizonte -, a uma distância menor que 100 km, e ainda sim preserva elementos de um *modus vivendi* típico de outros tempos. Ainda que tais elementos convivam com novas formas de organização social tais como novas formas produtivas e de arranjo da paisagem, contribuem de forma decisiva para a construção de uma comunidade *sui generis*. Assim, a ideia de aldeia global elaborada por Marshall McLuhan (TREMBLAY, 2003) e uma visão simplista da compressão tempo-espaço encontram relativizações na crítica de Milton Santos que aponta as incoerências da globalização. Dentre as críticas de Santos, destacam-se:

A) Fala-se, por exemplo, (sic) em aldeia global para fazer crer que a difusão de notícias realmente informa as pessoas: Esta crítica do geógrafo brasileiro nos lembra de pelo menos três aspectos da difusão das notícias. O primeiro se manifesta na extrema pulverização dos fatos e das notícias que acabam não sendo processos adequadamente pelo receptor; o segundo é que a notícia pode possuir baixíssima

relevância para certas comunidades provincianas e alta relevância para comunidades cosmopolitas, tendo, nesse lugar, a sua pretensão de assimilação homogênea (marca da aldeia global) comprometida. O terceiro aspecto é a diferença da capacidade de interpretação da notícia, que vai além do grau de interesse do receptor. As diferenças de escolaridade ou de acesso aos canais de mídia podem ser barreiras formidáveis à informação.

B) O mito do encurtamento das distâncias: Santos critica aqui a noção de tempo e espaço contraídos, a partir das diferenças socioeconômicas do espaço. O autor lembra que, apesar de os transportes terem se desenvolvido bastante, uma grande parcela da população mundial não consegue mobilizar recursos financeiros para o deslocamento frequente e através de grandes distâncias. Critica aqui a ideia de que o mundo tivesse se posicionado ao alcance da mão para todos.

C) O mito de um mercado avassalador dito global que seria capaz de homogeneizar o planeta: O autor chama a atenção aqui para uma característica paradoxal do processo de globalização. As áreas que são interessantes aos grandes atores do processo da globalização tendem a se tornar homogêneas entre si. Contudo, no momento em que estes espaços interessantes se modificam, a diferença entre eles e as áreas menos interessantes se amplia. Santos se expressa desta forma: “Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas”. (SANTOS, 2012b). Em Chapada, conseguimos perceber elementos do mundo globalizado. Contudo, esses se manifestam de forma incipiente e convivem com formas pretéritas de organização da vida social. Dessa forma, o abismo existente entre o modus vivendi de Chapada e de grandes centros urbanos como Belo Horizonte se amplia, ainda que a primeira não esteja estagnada no tempo e no espaço, como se fosse um retrato.

D) O sonho da cidadania universal fica mais distante: A exclusão de indivíduos dos processos tipicamente ligados as áreas interessantes aos atores hegemônicos da globalização colocam a cidadania universal em xeque. Mesmo que, a partir de um determinado ponto de sua vida, um indivíduo provinciano passe a desejar uma vida intensamente cosmopolita, terá uma dificuldade em obtê-la em sua plenitude. Aliado à dificuldade de inserção ao mundo globalizado, que, muitas vezes, é uma condição melhor definida pela posição geográfica do que pela condição social, está justamente a ampliação das desigualdades sociais. Como Immanuel Wallerstein (1992) argumentou, a disseminação do liberalismo (no seu sentido estritamente econômico) no pós-Guerra Fria, tem em uma de suas facetas a ampliação das desigualdades econômicas entre os indivíduos, o que compromete sobremaneira o fato destes desfrutarem dos mesmos direitos e mesmos deveres.

Assim, as críticas de Santos à imagem construída acerca da natureza da globalização, consolidam-se como importantes elementos de reflexão e relativização desse processo. Encontramos, por fim, em Chapada, Ouro Preto, uma síntese das reflexões deste autor quanto a natureza da globalização.

REFERÊNCIAS

- BADIE, Bertrand. **Um mundo sem soberania: Os Estados entre o artifício e a responsabilidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa em administração**, V. 1, nº. 11, 1º tri, 2000.
- FRANÇOIS, Etienne. A Fecundidade da história oral. in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, 2005. P. 3 a 12.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV. 2005.
- GALLO, Marlene Maria. A construção da mulher guerreira em Memorial de Maria Moura: do livro à minissérie. 2008. 199f. Dissertação – Unimar. Marília, dezembro de 2007. P. 174. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp070261.pdf> - acesso em 19/07/2016.
- GEORGE, Pierre. **Villes et conditions naturelles**. In: Précis de Géographie Urbaine. Paris: P.U.F, 1969, traduzido por AMORIM FILHO.
- HALBWACHS, Maurice Les cadres sociaux de la mémoire, in BURKE, Peter. **Variiedades de História Cultural**. 2000. P. 70
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A. 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-Moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 13ª Ed., 2004.
- JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, 2005. P. 43 a 62.
- LAZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, 2005. P. 15 a 24.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora da Unicamp.1990. P. 428-429
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Instituto José Luis Rosa. 2003.
- MCLUHAN, Hebert Marshall e FIORE, Quentin. **Guerra e Paz na Aldeia Global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- REZENDE, Antonio M. **Concepção fenomenológica em educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- SANDERS, Patricia. Phenomenology: A new way of viewing organizational reseach. **Academy of management review**, vol. 7, nº 3, p. 353-360, 1982.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2012b.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2012a.
- TREMBLAY, Gaetan. De Marshall Mcluhan a Harold Innis ou da aldeia global ao império Mundial. Porto Alegre: **Revista Famecos**, nº 22, 2003.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Após o Liberalismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.



ZAKARIA, Fared. **O mundo pós-americano**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Entrevistados (nossas fontes):

Ana Guimarães, 44; Antônio, 58; Diego, 42; Elza Ferreira, 56; Geraldo, 32; Geraldo Fagundes, 69; Gilson João Pinheiro, 66; Ilda, 85; José de Oliveira Lorato, 54; Junio Bento Perreira, 36; Magno da Silva; Maria do Carmo Martins Ferreira, 64; Paulo Drumond, 68; Rafael Martins, 24; Regina Célia Quirino, 23; Valter José Pereira, 57; Vitória Maria Pinheiro Saturnino, 42.